



Geddy Lee e Alex Lifeson retomam a trajetória de apresentações do Rush ao vivo em turnê que celebra o legado do baterista Neil Peart, cuja morte pausou a banda

Richard Sibbald/Divulgação

Na hora do RUSH

Após anos de silêncio e a dor irreparável da morte de Neil Peart, **o Rush volta ao Brasil**. A lenda canadense do rock progressivo anuncia cinco shows em **janeiro e fevereiro de 2027**, com uma **formação inédita**: Geddy Lee e Alex Lifeson ao lado da baterista alemã Anika Nilles e do tecladista Loren Gold. **A turnê “Fifty Something”** celebra mais de meio século de música e promete repertórios diferentes a cada noite. **“Não havia a menor possibilidade de não tocarmos no Brasil”**, diz Lifeson. Os ingressos já estão à venda. **Página 2**

Banda fará cinco shows no Brasil na perna latino-americana da turnê mundial com a nova baterista no ano que vem

ANDRÉ BARCINSKI

Folhapress

Atenção, fãs do Rush! A banda canadense volta ao Brasil em janeiro de 2027 pela primeira vez em 16 anos com uma excursão que passará por Curitiba (dia 22), São Paulo (24), Rio (30), Belo Horizonte (1/2) e Brasília (4/2). Os shows fazem parte da turnê “Fifty Something”, que celebra o legado de mais de meio século dos ícones do rock progressivo. A pré-venda dos ingressos abre já nesta quarta-feira (25), para clientes Itaú, e a venda geral será a partir de sexta (27), às 11h, no site da Eventim. A produção dos shows brasileiros é da 30e.

O Rush não toca ao vivo desde 1º de agosto de 2015, quando o trio formado por Geddy Lee, no baixo e vocais, Alex Lifeson, na guitarra, e Neil Peart, na bateria, fez sua última apresentação, em Los Angeles, na Califórnia. Em 7 de janeiro de 2020, Peart morreu de câncer no cérebro.

A nova turnê vai começar em 7 de junho onde a última terminou, em Los Angeles, e se estenderá pela América do Norte até dezembro. Depois, a banda embarca para a América do Sul. O Rush só esteve duas vezes no Brasil, em 2002 e 2010.

“Não havia a menor possibilidade de não tocarmos no Brasil”, diz Lifeson, de 72 anos. “Amamos a paixão que os brasileiros têm por música. Não sei se existe outro público no mundo como o brasileiro. Quando tocamos aí pela primeira vez, ficamos tão impressionados com a reação e dedicação dos fãs que aquilo nos marcou para sempre.”

“Na primeira vez que subimos num palco no Brasil e tocamos ‘YYZ’, o público começou a entoar um canto de torcida de futebol, mas com um timing perfeito”, diz Geddy Lee, também aos 72. “Os fãs cantavam os solos, cantavam tudo e até inventavam algumas partes (risos). Lembro que nós três nos entreolhamos no palco, nunca havíamos visto nada como aquilo”. A banda ficou tão impressionada com a euforia dos fãs que lançou um CD e DVD gravado no Maracanã, “Rush in Rio”.

Na nova turnê, a glória missão de substituir Neil Peart, considerado um dos maiores bateristas de rock de todos os tempos, caberá à alemã Anika Nilles, uma instrumentista fenomenal que tocou na banda de Jeff Beck e gravou quatro discos solo.

Nilles tem 30 anos a menos que Lifeson e Lee e não conhecia a

Referência máxima dos power trios



Fotos: Divulgação

“Na primeira vez que subimos num palco no Brasil e tocamos ‘YYZ’, o público começou a entoar um canto de torcida de futebol, mas com um timing perfeito. Os fãs cantavam os solos, cantavam tudo e até inventavam algumas partes (risos). Lembro que nós três nos entreolhamos no palco, nunca havíamos visto nada como aquilo”

obra do Rush quando foi convidada a juntar-se à turnê. “Isso não fez a menor diferença”, diz Lifeson. “Só soubemos que Anika não era uma conhecedora de Rush depois que começamos a trabalhar com ela. Mas acho que isso foi bom, porque ela não chegou com nenhuma ideia pré-concebida.”

“Na verdade, não conhecer as músicas só tornou as coisas mais difíceis para ela”, diz Lee. “Claro que ela conhecia algumas, como ‘Tom Sawyer’, claro. Todo baterista do mundo conhece essa!” (risos)

Lifeson e Lee não cansam de elogiar a técnica e dedicação da baterista: “Nos primeiros ensaios houve uma curva de aprendizado”, diz Lee. “Temos a impressão de que as músicas de um determinado período da carreira do Rush foram mais fáceis para ela assimilar, e Anika simplesmente tocou com perfeição logo nas primeiras vezes. Mas outras canções, talvez as escritas antes de ela nascer [em 1983], são mais complexas. O desafio dela não é o aspecto pirotécnico da técnica de Neil, mas entender por que ele tocou determinadas partes de determinadas maneiras. É mais sobre captar o espírito dele naquela canção, de entender porque ‘Limelight’ soa como ‘Limelight’. Nos últimos ensaios, Anika estava fervendo, foi lindo vê-la tocar.”



A baterista alemã Anika Nilles assume as baquetas do Rush na turnê mundial que se inicia em junho

No palco, o novo Rush será um quarteto - além de Lifeson, Lee e Nilles, a banda ganhará um tecladista, Loren Gold, instrumentista veterano de turnês com The Who e Chicago. “É um prazer tão grande tocar com alguém tão bom e experiente quanto Loren”, diz Lee.

“Ele é um profissional que sabe que algumas músicas funcionam melhor tocadas apenas em trio. Ele

não é do tipo que se ofende quando a gente pede para ele apenas decorar a música com um pozinho mágico ou outro.”

Sobre o repertório dos shows, os músicos garantem que toda noite será diferente. “Temos 35 a 40 canções no repertório e toda noite vamos mudar de 30% a 40% das músicas”, diz Lifeson. “Não temos mais condições de tocar por três horas toda noite”, afirma Lee. “Parece que está escrito no manual do músico idoso que isso agora é contra a lei (risos). Mas sabemos que os fãs do Rush gostam de assistir a mais de um show, então podemos garantir que os repertórios serão diferentes a cada noite.”

A nova turnê deve se estender até o segundo semestre de 2027, com datas na Europa e Ásia. Lifeson e Lee dizem que não têm planos de compor músicas novas, mas que isso pode mudar a qualquer momento.

“Gostamos de trabalhar e de nos manter ocupados”, diz Lifeson, que recentemente colaborou em um disco do guitarrista Tom Morello, ex-Rage Against the Machine.

Durante a ausência do Rush dos palcos, Geddy Lee escreveu livros como “The Big Beautiful Book of Bass”, em que mostrava sua incrível coleção de baixos clássicos e entrevistava baixistas como

AS DATAS DA TURNÊ BRASILEIRA

CURITIBA

★22/1/2027 na Arena da Baixada

SÃO PAULO

★24/1/2027 no Allianz Parque

RIO DE JANEIRO

★30/1/2027 no Estádio Nilton Santos (Engenhão)

BELO HORIZONTE

★1/2/2027 no Estádio Mineirão

BRASÍLIA

★4/2/2027 na Arena Mané Garrincha

VENDA

Clientes Itaú a partir desta quarta-feira (25) e sexta-feira (27) para o público geral. Ingressos a partir de R\$ 445 no link <https://eventim.com.br/Rush>

John Paul Jones, do Led Zeppelin, e Bill Wyman, dos Rolling Stones, e também apresentou a minissérie “Geddy Lee Pergunta: Baixistas São Humanos?”, em que visitava as casas de baixistas como Robert Trujillo, do Metallica, Les Claypool, do Primus, Krist Novoselic, ex-Nirvana, e Melissa Auf Der Maur, do Hole e Smashing Pumpkins.

A entrevista com o Rush foi realizada poucos dias após a apresentação do cantor Bad Bunny no Super Bowl, a final do campeonato de futebol americano, e Lifeson comentou o show. “Não sou fã de futebol americano, mas cheguei de um jantar familiar bem na hora do intervalo do jogo e vi o show de Bad Bunny. Achei fantástico, um show incrível, muito animado, com muitas coreografias e mensagens positivas. Foi uma celebração da cultura latino-americana e não entendo como alguém pode ter se aborrecido com aquilo.”

Aos 93 anos, o gaitista Maurício Einhorn estreia o espetáculo ‘O Sopro do Brasil’ no palco do Blue Note Rio

AFFONSO NUNES

Há algo de desconcertante — no melhor sentido — em ver Maurício Einhorn entrar num palco em 2026 com a mesma naturalidade de quem fez isso pela primeira vez ainda adolescente, nos tempos da Rádio Tupi. Aos 93 anos, o gaitista carioca — uma lenda viva da música brasileira — é um músico capaz de transformar cada apresentação numa experiência singular. Nesta terça-feira (24), às 20h, ele estreia no Blue Note Rio o espetáculo “O Sopro do Brasil – Maurício Einhorn & MassaTrio”, com participação especial do trombonista Rafael Rocha.

A trajetória de Einhorn se confunde com a própria história da música popular brasileira. Filho de gaitistas, ele ganhou seu primeiro instrumento aos cinco anos e já se apresentava em rádios antes mesmo de completar dez. Em 1947, estava na Rádio Tupi. Em 1949, sua estreia em estúdio. Nos anos 1950, mergulhou de cabeça no jazz, enquanto o Brasil fervilhava com o que logo se chamaria de bossa nova. Ele estava lá, em plena efervescência, assinando composições que viriam a se

O mestre nonagenário do sopro



Felipe Diniz/Divulgação

A trajetória de Maurício Einhorn se cnfunde com a história da MPB

tornar clássicos do gênero: “Batida Diferente”, “Estamos Ai” e “Tristeza de Nós Dois” são apenas algumas das obras que atravessaram décadas e continuam sendo executadas por músicos de todo o mundo.

No exterior, seu talento também encontrou eco. Einhorn se apresentou ao lado de nomes como Herbie Mann, Paquito D’Rivera, Cannonball Adderley, Sarah Vaughan e Toots Thielemans. Em 1979, estava no Montreux Jazz Festival, na Suíça, dividindo o palco com Nina Simone e David Sanborn. Ao longo dos anos, acompanhou em shows e gravações artistas como Elis Regina, Chico Buarque, Tom Jobim, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Hermeto Pascoal e Baden Powell — um mapa afetivo que corresponde ao próprio DNA da MPB.

Para “O Sopro do Brasil”, Einhorn se une ao MassaTrio, formado por Renato Massa na bateria, Jefferson Lescowich no baixo e Marcos Nimrichter ao piano e teclados, uma das formações mais consistentes da cena instrumental contemporânea. Rafael Rocha, considerado um dos principais trombonistas do Brasil e com passagens por Djavan, Ivan Lins, João Bosco e Hamilton de Holanda, completa o elenco como convidado especial. O repertório reúne composições autorais de Einhorn ao lado de releituras de Tom Jobim, George Gershwin, Cartola e Cole Porter, em arranjos que equilibram lirismo, swing e liberdade criativa.

SERVIÇO
MAURÍCIO EINHORN & MASSATRIO
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana)
24/2, às 20h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Marcelo Corrêa/Divulgação

10 Rupid eat 1 Rupid eate

Mario Adnet e Chico Adnet lançam “Fake Falso”, segundo single do álbum inédito da dupla nas plataformas digitais. Com vocais de Pedro Miranda, o maxixe inspirado no início do século 20 mistura crítica política com referências como Elon Musk, Lampião, Lady Gaga e Louis Armstrong. O álbum completo, com nove faixas de arranjos inspirados na Era do Rádio, chega às plataformas em 13 de março pela Biscoito Fino. Roberta Sá já participa do single “Falso Baiano”, disponível nas plataformas.

Divulgação

Ampliar consciências

O rapper e educador Thiago Elniño lança nesta sexta-feira (27) a faixa “Doce!”, primeiro single do álbum “Canjerê”. O disco de 14 faixas, previsto para abril pela gravadora Deck, une rap, ritmos brasileiros e espiritualidade afro-brasileira num momento de ataques a terreiros no país. “Sugerir as coisas é minha principal motivação para fazer música”, define o artista, que enxerga a arte como veículo para ampliar consciências. “Canjerê” chega como manifesto em defesa das religiões de matrizes africanas.

Divulgação

Fraquezas assumidas

O cantor e produtor Dreko lança “Subir de Novo”, nova faixa que integrará o álbum “Meta-morfose”. Com participação do rapper Diiah, a música transita entre memória afetiva, superação e espiritualidade, equilibrando trap contemporâneo e discurso direto. “Sinto falta, confesso que não sou tão forte assim”, admite Dreko, que transforma vulnerabilidade em força ao longo da faixa. O refrão — “Se eu cair de volta nessa merda, eu vou subir de novo” — resume o tom do projeto: queda sem glamour, levante com propósito.

CORREIO CULTURAL



Mestre Ciza e Cissa Guimarães no Sem Censura

Mestre Ciza é atração do Sem Censura

Campeão do Grupo Especial do Carnaval com um enredo da Viradouro em sua homenagem, Mestre Ciza é o principal convidado da roda de conversa do Sem Censura desta terça (24), ao vivo, às 16h, na TV Brasil. O bamba tem um papo com a apresentadora Cissa Guimarães. Ilustre figura da folia, ele volta à bancada do programa para uma conversa franca e descontraída sobre sua trajetória

no universo das escolas de samba. No especial, Mestre Ciza vai falar sobre a emoção de liderar a bateria da Vermelha e Branca de Niterói na Marquês de Sapucaí. Há menos de um mês, Mestre Ciza esteve no programa na série de edições temáticas do Carnaval. O veterano participou da produção junto com o carnavalesco da escola, Tarcísio Zanon, a porta-bandeira Rute Alves, e ritmistas.

Raio X do setor artístico

Está no ar o formulário de participação da Pesquisa Empresariamento Artístico 2025, estudo conduzido pela empresária Anita Carvalho. A pesquisa é aberta a pessoas que trabalham no setor, produtores, empresários independentes ou artistas (com ou sem empresário) contribuam com suas visões, até 28 de fevereiro de 2026, pelo link: <https://pt.surveymonkey.com/r/FYHMLLP>. O estudo tem como objetivo identificar demandas de artistas e compreender os modelos de negócios praticados entre tais partes.

Visita guiada

O Teatro Riachuelo apresenta nova edição do projeto Visita Guiada na próxima sexta (27), às 14h. Com dramaturgias originais, criadas para conduzir o público pela história do teatro e do cinema brasileiro, o passeio também ativa a memória do edifício histórico onde está localizado o teatro.

Visita guiada II

A visita conta com uma monitora de acessibilidade ao longo de todo o percurso. Idealizada pelo roteirista e ator Guilherme Siman, a proposta é conduzida por ele e pela atriz Ana Flávia Botelho. Inscrição prévia em formulário com link na bio do Instagram do teatro.

Herson Capri em recuperação

O ator Herson Capri, de 74 anos, que estrearia a peça “A Sabedoria dos Pais”, em São Paulo, sofreu um infarto. Ele passa bem e está em recuperação, de acordo com a produção do espetáculo, que adiou a data de estreia para 5 de março por recomendação médica para o bem da saúde do ator. O espetáculo, com direção de Miguel Falabella, entrará em cartaz no Teatro Bradesco.



Divulgação



Stellan Skarsgård e Renate Reinsve em “Valor Sentimental”, adversário de ‘O Agente Secreto’ no Oscar

Uma derrota inesperada

‘Valor Sentimental’ desbanca ‘O Agente Secreto’ na premiação do Bafta, o Oscar britânico

AFFONSO NUNES

O cinema brasileiro saiu de mãos vazias da cerimônia do Bafta realizada no domingo (22), em Londres. “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, candidato brasileiro ao prêmio de melhor filme em língua não inglesa, perdeu o troféu para “Valor Sentimental”, drama familiar norueguês dirigido por Joachim Trier. O prêmio é considerado o mais importante do cinema britânico e reúne votação de cerca de 8,3 mil membros da Academia Britânica de Cinema e Televisão.

Além de “O Agente Secreto” e do vencedor norueguês, disputavam a categoria “Sirât”, da Espanha, “Foi Apenas um Acidente”, filme iraniano representando a França, e “A Voz de Hind Rajab”, da Tunísia. A derrota na categoria principal encerrou as esperanças brasileiras na noite, já que nenhum outro representante do país conseguiu levar um troféu. Mendonça Filho concorria ainda ao prêmio de melhor roteiro original, mas perdeu para Ryan Coogler pelo trabalho em “Pecadores”.

O paulistano Adolpho Velloso, fotógrafo de “Sonhos de Trem” e um dos mais premiados da temporada na categoria, também saiu sem o Bafta, que foi para Michael Bauman pelo trabalho em “Uma Batalha Após a Outra”. A documentarista Petra Costa, indicada com “Apocalipse nos Trópicos”, perdeu para os tchecos Pavel Talankin e David Borenstein, responsáveis por



Wagner Moura lidera o elenco de ‘O Agente Secreto’, com exibição confirmada para 90 países antes de tentar a sorte no Oscar 2026

“Mr. Nobody Against Putin”.

A relação do Brasil com o Bafta é marcada por momentos históricos e decepções pontuais. Em 1999, “Central do Brasil”, de Walter Salles, levou o prêmio de melhor filme estrangeiro, mas não repetiu o feito no Oscar, perdendo para o italiano “A Vida É Bela”. Salles voltaria a vencer a categoria em 2004 com “Diários de Motocicleta”. Um ano antes, “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, havia conquistado o Bafta de melhor edição pelo trabalho do montador Daniel Rezende. Outras produções brasileiras que integraram a história da premiação incluem “Abril Despedaçado” (2002) e “Trash — A Esperança Vem do Lixo” (2015). Curiosamente, “Orfeu Negro”, produção francesa de Marcel Camus ambientada no Brasil, disputou a categoria em 1961, mas perdeu para “Se Meu Apartamento Falasse”, de Billy Wilder.

Na edição deste ano, o prêmio britânico confirmou a força de “Valor Sentimental” numa temporada marcada por grandes disputas internacionais. Historicamente, o Bafta funciona como termômetro para o Oscar, embora as escolhas raramente coincidam — apenas uma fração dos votantes britânicos também integra a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas americana. Nos últimos dez anos, somente “Oppenheimer” (2024) e “Nomadland” (2021) conquistaram os principais prêmios nas duas cerimônias. No ano passado, “Conclave” venceu o Bafta, enquanto “Anora” levou o Oscar de melhor filme. No campo do cinema internacional, “Emilia Pérez” havia derrotado “Ainda Estou Aqui” no Bafta, enquanto a produção brasileira de Walter Salles acabou fazendo história ao conquistar o primeiro Oscar do Brasil na categoria.

Paraguai nos radares

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao conceder o Prêmio da Crítica da 76ª Berlinale para “Narciso”, no último sábado, o time de jurados da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica mandaram um recado para uma Europa que já se empapuçou um bocado com as pepitas da Argentina pré-Milei e hoje faz coro para louvar produções brasileiras tipo exportação como “O Agente Secreto”: na América do Sul, também existe o Paraguai... e ele filma. Coroado no Festival de Berlim de 2018 com “As Herdeiras”, o diretor Marcelo Martinessi recebeu a láurea da instituição de jornalistas com a certeza de seu impacto sobre as mídias (impressas e digitais) de nuestros hermanos. Seu novo filme narra a saga de um jovem que, em 1959, no calor da ditadura paraguaia, faz do rock um veio de protesto.

“Esta história combina memória e política, pois o cinema não pode se afastar do que se passa ao nosso redor, sendo um caminho para construirmos pontes”, disse Martinessi à Berlinale, com sua láurea em punhos, antes de emendar uma resposta ao Correio da Manhã. “Saímos daqui premiados no ano passado, o que mostra que, diferentemente de países nos quais os financiamentos estão sendo extintos, no Paraguai está crescendo a nossa possibilidade de fazer cinema. Um espaço como este nos dá dignidade e força”.

Martinessi referiu-se a “Sob As Bandeiras, o Sol” (no original “Bajo Las Banderas, El Sol”) que foi premiado na Berlinale, também pela Fipresci, e venceu o Bafici, na Argentina. Exibido no Rio e em São Paulo no É Tudo Verdade de 2025, esse documentário de Juanjo Pereira é a produção com CEP no Paraguai de maior êxito em maratonas competitivas do exterior até “Narciso”. Nele há um mosaico de exuberante montagem. Sua estrutura formal é uma reação a recordações latinas de 1989, ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo esforçou-se para evitar esse destino.

“Narciso” tem o mesmo empenho. “Sinto que falamos de um passado necessário para que se possa pensar o presente”.

Em 2022, nos rastros derradeiros da pandemia, o Paraguai emplacou uma das vitórias mais notáveis de seu histórico cinematográfico ao vencer o Festival de Roterdã, na Holanda, com Eami”, de Paz Encina. Seu cult, que passou no Rio na Cinemateca do MAM, trança mitologias indígenas ao

Vitória de ‘Narciso’ na Berlinale joga holofotes sobre um território sul-americano que, há 20 anos, escreveu seu nome na História ao deslumbrar Cannes com ‘Hamaca Paraguaya’



Belén Vieri, Marisa Cubero, Arturo Fleitas, Alberto Sanchez, Natalia Cálcena em ‘Narciso’, que arrebatou a crítica em Berlim



‘Bajo Las Banderas, El Sol’ foi premiado na Berlinale, também pela Fipresci, e venceu o Bafici, na Argentina.

falar das lutas do povo Ayoreo-Totobiegosode, que vive no Chaco, vasta região florestal que faz fronteira entre o país da cineasta, a Bolívia e a Argentina. Ali ela encontrou a mítica em torno de uma deusa-pássaro essencial para fazer voar a imaginação dos Ayoreo-Totobiegosode. “Eles são uma população que quase não se tocam, ao contrário de nós. O coração deles está na palavra”, disse a diretora, ao Correio da Manhã, por email, em Roterdã.

Há 20 anos, Paz colocou o Paraguai no mapa dos cinéfilos quando levou a Cannes uma delicada experiência narrativa, muito silenciosa, sobre um casal de lavradores que esperavam o retorno do filho. Era “Hamaca Paraguaya”. Saiu da Croisette em 2006 com o Prêmio da Crítica, votado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), e com a certeza de que seu país poderia construir um projeto audiovisual. “Ficamos três décadas sem filmar antes do

“Esta história combina memória e política, pois o cinema não pode se afastar do que se passa ao nosso redor, sendo um caminho para construirmos pontes”

MARCELO MARTINESSI



‘Eami’ venceu o Festival de Roterdã de 2022 ao falar de mitologias indígenas

‘Hamaca’ e aquele filme chegou quase como um milagre, até para mim”, disse Paz, lembrando que o cinema paraguaio, ao largo da pandemia, fazia de dois a três longas por ano, sem distinção quantitativa entre docs e ficções, e investe, sim, em novelas.

Com o êxito berlinense de “Narciso”, a chapa por lá a de esquentar e gerar novos sucessos como “7 Caixas” (2012), de Tana Schémbori e Juan Carlos Maneglia, e “Luna de Cigarras” (2014), de Jorge Diaz de Bedoya.



Fachada do Bud Spencer Museum, em Berlim

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Chegou uma nova fornada de sucessos de bilheteria da grife “Trinity” na Prime Video Brasil, como “Quem Encontra Um Amigo, Encontra Um Tesouro” (1981) e “Banana Joe” (1982), no rastro dos dez anos de morte de Carlo Pedersoli (1929-2016), ator italiano mais amado no mundo todo sob um pseudônimo estadunidense, Bud Spencer. Ele partiu no dia 27 de junho de 2016, deixando um legado de blockbuster, a maioria feito em duo com Mario Girotti, o eterno Terence Hill, hoje com 86 anos. A efeméride de sua partida inspirou a recauchutagem de uma galeria que leva seu nome no coração de Berlim, construída em resposta ao amor dos alemães por seus filmes dos anos ‘60, 70 e 80.

Inaugurado em junho de 2021, na região do Roemischer Hof, na avenida Unter den Linden, que leva ao Portão de Brandemburgo, o Bud Spencer Museum reabriu com novas atrações há duas semanas. Tem até café torrado com a marca do ator. O espaço, sempre lotado, tornou-se a nova febre cinéfila germânica, resgatando um mito das telas europeias.

Egresso de Nápoles, Pedersoli fez fama, fãs e fortuna explorando sua silhueta GG (na barriga e no biceps), no papel do grandalhão de boa índole, capaz de virar uma febre se atacado. Um de seus maiores êxitos, o já citado “Banana Joe”, define bem sua persona guerreira em sua canção principal: “seus punhos são canhões”. Parte da mítica construída por ele em filmes solo ou em parcerias com Terence Hill, na franquia Trinity, são revisitadas na instituição germânica, que nasceu do sucesso que os dois faziam entre os berlinenses. Aliás, no Brasil, a popularidade deles era enorme, auxiliada pelo “Cinema Especial”, a “Sessão da Tarde” e a “Sessão Trinity” da Globo, nos anos 1980, quando eram dublados por Silvio Navas (Spencer) e Newton DaMatta (Hill). Bud e Terence chegaram a filmar no Rio “Eu,

BUD SPENCER

ainda é seu nome

Nos 10 anos de morte do astro italiano, um museu erguido em Berlim em sua homenagem, sempre lotado, resgata um legado que, no Brasil, mobiliza o streaming da Amazon

Você, Ele e Os Outros” (1984), com Athayde Arcoverde, Dary Reis e Carlos Kurt, o vilão dos Trapalhães, no elenco. Não por acaso, foram ao programa de Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. E parte dessa história está no museu de Bud.

Na galeria estão fotos, cartazes e uma série de memorabilias dos 54 longos estrelados pelo astro, como o buggie vermelho com capuz amarelo do sucesso “Dupla Explosiva” (1974), além de uma estátua dele em tamanho real. É uma instituição nos moldes do museu em sua homenagem criado em solo napolitano, com toda a eficiência germânica. Os alemães amam Spencer, tendo produzido cults com ele, como o bem-humorado thriller “Matar é Meu Negócio, Querida” (“Mord ist mein Geschäft, Liebling”, 2009).



Bud Spencer em cena do sucesso ‘Banana Joe’ (1982)

O último trabalho de Spencer foi o seriado “I Delitti Del Cuoco”, das emissoras Canale 5 e RTL. Toda essa filmografia é estudada pelo museu. Fala-se dela ainda no livro “Bud – Un Gigante Per Papà”, lançado na Itália pela editora Giunti.

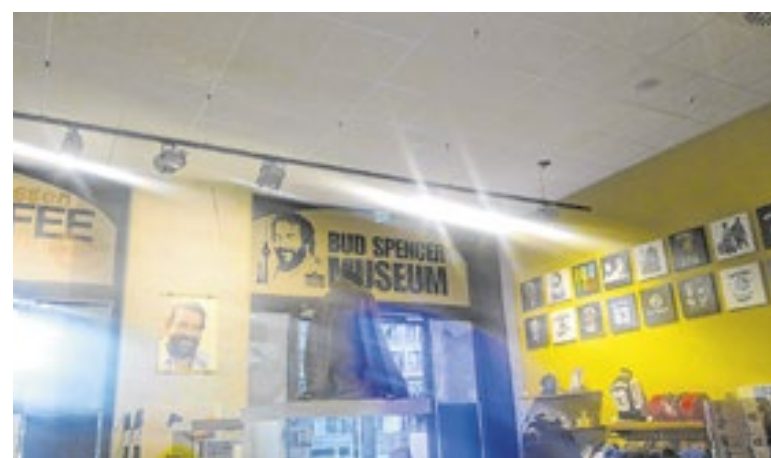
No livro, uma das filhas de Bud, a escritora Cristiana Pedersoli, pede licença à irmã, Diany Spencer, e ao irmão, Giuseppe, para narrar a amorosa infância que teve com o pai, dando detalhes do quanto ele valorizava o afeto entre seus familia-

res. Ela lembra do passado de Bud como campeão de natação e como músico, apaixonado por jazz.

Sempre lotado de fãs comovidos, o sucesso do museu de Bud jogou luz também sobre Hill, levando uma corrida, via web, a um dos filmes mais recentes dele. Lançado em 2018, sem qualquer alarde em solo sul-americano, “My Name Is Thomas”, também chamado “My Name Is Somebody”, é um road movie de risos e lágrimas que vem ganhando novas janelas, muitas delas online, na Europa, à força do resgate de Terence. Um dos melhores trabalhos dele no western, o lado de Spencer, “I quattro dell’Ave Maria”, de 1968, vez por outra flana pela Amazon Prime do Brasil, abrindo oportunidade para novas gerações de cinéfilos brasileiros conhecerem seu estilo “chanchadesco”

de humor e ação. Entre as décadas de 1960 e 80, ele e o colega criaram um filão pautado em trapalhadas que sempre terminavam em tapas na cara de vilões, fosse na forma de ferozistas ou na forma de policiais. Antes dessa parceria, Hill participou de “O Leopardo” (1963), de Luchino Visconti, e ainda fez bang bang com Sergio Leone (1929-1989), como “Meu Nome É Ninguém” (1973), escrito e produzido pelo titã dos spaghetti e dirigido por Tonino Valerii, com Henry Fonda (1905-1982) a seu lado.

Dramédia, “My Name Is Thomas” é uma homenagem direta a esse sucesso d’outrora e é um tributo a Spencer. Parte de sua trama se passa em Almería, uma região espanhola onde os spaghetti eram filmados. Na trama, ele é um motoqueiro que ajuda uma jovem em fuga.



O hall de entrada do museu

Divulgação

Jorge Pereira Rosa/Divulgação

Divulgação

Melina Knolow/Divulgação

Didi no picadeiro

Rafael Aragão (Didi),
Thadeu Torres (Dedé),
Rupa Figueira
(Mussum) e Vicente
Delgado (Zacarias).



Musical sobre a trajetória de Renato Aragão reúne equipe de peso, estreia no Teatro Sesc Ginástico e traz o próprio homenageado ao palco aos 91 anos

E potente a simbologia de ver Renato Aragão subir num palco aos 91 anos para assistir — e participar — de um espetáculo que conta sua própria vida. O ceará de Sobral que virou Didi, que virou Os Trapalhães, que virou fenômeno de gerações inteiras de brasileiros está de volta ao teatro, desta vez como personagem central de “Adorável Trapalhão — O Musical”, que estreia no Teatro Sesc Ginástico nesta quarta-feira (25).

A montagem é o segundo trabalho teatral na carreira do homenageado. Aos 91 anos, Renato Aragão faz uma participação especial no espetáculo — presença que, por si só, já justificaria a ida ao teatro. Mas o musical vai além da homenagem afetiva. Com encenação e direção de arte de José Possi Neto, texto de Marília To-

ledo, músicas e letras de Marco França e Fernando Suassuna, direção musical de Diego Salles e coreografia de Alonso Barros, a peça constrói uma narrativa que percorre décadas de história da cultura popular brasileira, da infância no Ceará às conquistas no cinema e na televisão, passando pela formação do quarteto mais amado do humor nacional.

O papel de Didi coube a Rafael Aragão, jovem ator que foi também o idealizador da montagem e o responsável por trazer José Possi Neto ao projeto. “Rafael me seduziu trazendo muitas informações e material de vídeos da obra do Renato autor, roteirista e produtor de ‘Os Trapalhães’. Tomado por uma grande emoção, aceitei a proposta”, relembra o diretor.

A decisão de aceitar o convite desencadeou um processo criativo marcado por pesquisa intensa

e referências inusitadas. “Sempre brifo toda a equipe criativa não só com minhas ideias, mas também forneço referências — e isso engloba a cenografia, o figurino, a iluminação, a coreografia e os arranjos musicais. Trocamos sobre filmes, textos históricos sobre circo, documentários sobre palhaços, grandes obras das artes plásticas exibindo cenas circenses. Nos influenciaram ainda nomes como Marc Chagall, Federico Fellini, Oscarito e Grande Otelo, Totó e o genial Charles Chaplin”, pontua Possi Neto.

Completando o famoso quarteto em cena estão Thadeu Torres como Dedé, Rupa Figueira como Mussum e Vicente Delgado como Zacarias. A escolha por reconstituir Os Trapalhães no palco não é nostalgia gratuita — é uma afirmação sobre o que aquele grupo representou como

fenômeno cultural. A dramaturgia de Marília Toledo entende bem essa dimensão. “Mais do que uma biografia, o musical propõe um olhar afetivo sobre o Brasil e sobre o poder do humor como ferramenta de transformação social, memória coletiva e identidade cultural”, antecipa a autora.

A encenação de Possi Neto situa o espetáculo num grande picadeiro afetivo, onde a estética circense e a atmosfera lúdica funcionam como homenagem não apenas a Renato Aragão, mas a toda uma tradição de artistas populares brasileiros — dos mamembes às grandes estrelas. A comichade física, as músicas originais e o visual marcante criam uma experiência que transita com naturalidade entre o riso e a emoção, acessível a públicos de todas as idades. Segundo Possi Neto, o próprio Renato Aragão se emo-

cionou desde o primeiro ensaio corrido. “O público fiel aos Trapalhães na TV vai matar as saudades e conhecer detalhes da história desse fenômeno de sucesso que jamais poderia imaginar. Além de se encantar e emocionar muito. Mas, acima de tudo, vai rir!”, promete o encenador.

“É sempre muito excitante estreiar no Rio. O carioca é um público apaixonado por teatro e reage sempre com muita autenticidade crítica e entusiasmo”, considera o diretor.

SERVIÇO

★ADORÁVEL TRAPALHÃO - O MUSICAL

Teatro Sesc Ginástico (Rua Araújo Porto Alegre, 70, Centro)
De 25/1 a 19/4
Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia), R\$ 15 (associado Sesc) e grátis (PCG)

Fora da fazenda

Espectáculo 'Desfazenda - Me Enterrem Fora Desse Lugar', inspirado em história real de crianças escravizadas décadas após a abolição, traz reflexão urgente sobre necropolítica e corpos negros no Brasil



Influenciado pelo teatro hip-hop, pelo spoken word e pela cultura das batalhas de poesia, o espetáculo também investe no ritmo, na musicalidade e na presença firme das vozes em cena

Em 1930, cerca de cinquenta crianças negras foram retiradas de um orfanato no Rio de Janeiro e cresceram escravizadas numa fazenda no interior de São Paulo. Décadas depois da assinatura da Lei Áurea, o Brasil mantinha vivas as engrenagens da violência racial — não como resquício, mas como sistema. É a partir desse fato histórico, documentado no filme “Menino 23 — Infâncias Perdidas no Brasil”, que o coletivo paulistano O Bonde criou “Desfazenda - Me Enterrem Fora Desse Lugar”, espetáculo que chega ao Rio de Janeiro com estreia no Sesc Tijuca na quinta-feira (26), às 19h, e fica em cartaz até 22 de março.

Sem cair na reconstituição histórica, a montagem se apresenta como um exercício de fricção entre passado e presente, uma pergunta lançada ao espectador sobre o que, de fato, mudou. “Desfazenda” recusa tanto a vitimização quanto o silêncio e chega para incomodar e provocar o público.

Com direção de Roberta Estrela D’Alva, dramaturgia de Lucas Moura e direção musical de Dani Nega, o espetáculo aposta no minimalismo como estratégia

dramatúrgica. Não há adereços de cena: quatro intérpretes, uma caixa preta, luz e som. O espaço vazio não é ausência — é possibilidade. “É um espetáculo que evoca uma energia muito densa. A luz revela, esconde, opina e constrói atmosferas. Já a música dá o pulso da narrativa. A ideia é que o espectador, em muitos momentos, tenha a sensação de estar diante de um quadro ou até mesmo de um filme acontecendo ao vivo”, descreve o ator Filipe Celestino, também co-fundador do O Bonde.

A linguagem do espetáculo bebe do teatro hip-hop, do spoken word e das batalhas de poesia, tradições negras e periféricas que transformam a palavra em arma, em ritual, em denúncia. O ritmo não é ornamento — é estrutura. “Os beats acompanham os monólogos e diálogos e dão o pulso da narrativa. É o ritmo da palavra que conduz o espectador por essa experiência”, explica Celestino. Essa escolha estética não é gratuita: ela conecta a história das crianças escravizadas de 1930 às vozes de artistas negros e periféricos que, hoje, ocupam o palco como ato político. O resultado é uma encenação que se distancia do teatro convencional sem abrir mão do rigor. “É um espetáculo

“A ideia é que o espectador, em muitos momentos, tenha a sensação de estar diante de um quadro ou até mesmo de um filme acontecendo ao vivo”

FILIPPE CELESTINO

incomum, que desperta curiosidade”, resume o ator.

O título carrega múltiplas camadas de sentido. Ser enterrado fora desse lugar — embranquecido, hegemônico, aprisionador — é ao mesmo tempo desejo literal e metáfora de ruptura. “É sobre romper com estruturas. É sobre a possibilidade de existir com dignidade e garantir um encaminhamento digno e justo àqueles que tiveram suas vidas tiradas por um sistema cruel profundamente enraizado”, reflete Celestino. A necropolítica — conceito do filósofo camaronês Achille Mbembe que descreve o poder de decidir quem vive e quem morre — atravessa a peça não como teoria acadêmica, mas como experiência encarnada, visível nos corpos em cena.

O espetáculo surgiu durante a pandemia e foi premiado pela APCA na categoria Melhor Espectáculo Virtual de 2021. Em sua versão presencial, acumulou público, crítica favorável e uma indicação ao Prêmio Shell de Melhor Dramaturgia. Agora, a chegada ao Rio adiciona uma dimensão simbólica especialmente significativa: foi exatamente da capital carioca que as crianças da história real foram levadas para a fazenda paulista. “O Rio carrega uma rica herança cultural afro-brasileira,

mas também foi um dos principais centros do tráfico de pessoas escravizadas. Apresentar o espetáculo aqui é também um gesto de ressignificação dessa história. Além disso, sempre foi um desejo do O Bonde estar no Rio. A gente sabe da potência artística da cidade e está muito ansioso para viver esse encontro, especialmente com as coletividades negras do teatro local”, conta Filipe.

O Bonde existe desde 2017 e se define como coletivo de artistas negros e periféricos, oriundos de diferentes períodos da Escola Livre de Teatro de Santo André. O nome — referência aos ajuntamentos negros que historicamente se organizam para resistir — sintetiza a proposta do grupo: a palavra como ferramenta de acesso, denúncia e ampliação das discussões afro-diaspóricas.

SERVIÇO

DESFAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

Sesc Tijuca (Rua Conde de Bonfim, 770)
De 26/1 a 22/4, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e gratuito (PCC)